Editorial

É com imenso prazer que apresentamos a comunidade acadêmica a presente Edição Especial (V.10, n.1 - 2016) sobre o tema "Cultura, Sociedade e Ambiente" - da Revista Gaia Scientia (on-line) editada pelo Programa Regional de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) vinculado a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O tema escolhido resultou da contribuição do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa "Sociedade, Cultura e Ambiente", cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico (CNPq) coordenado pelas organizadoras desta edição, em parceria com Dra. Maria Elena Martinez Torres, investigadora, professora e responsável pela docência no Centro de Investigação e Estudos Superiores em Antropologia Social (CIESAS), que ensejou um diálogo entre pesquisadores de América Latina que participam desta Edição Especial.

Os artigos que compõem este volume apresentam reflexões teóricas e resultados de pesquisas que exploram e debatem questões que nos remetem diretamente as interfaces entre cultura em sua dimensão histórica e processual, sociedade e ambiente, envolvendo diferentes grupos sociais, tais como agricultores familiares, pescadores artesanais e extrativistas habitando diferentes ecossistemas de países latino-americanos, Chiapas Sudeste mexicano, da floresta amazônica e Nordeste brasileiro, incluindo ainda países europeus como a região insular das Ilhas Canárias e a Costa Mediterrânea francesa. Trata-se de experiências singulares que apontam para formas alternativas de desenvolvimento que se confrontam com formas capitalistas e globalizantes de economia, cujas análises remetem para o pensamento social latino-americano, incluindo a ecologia política, bem como vertentes clássicas da economia política e da antropologia.

Questões e noções caras ao debate socioambiental são debatidas no conjunto de artigos reunidos nesta publicação, tais como: modelos de desenvolvimento e desenvolvimento sustentável, Economia social, economia solidária; a trajetória do conceito de bem-viver, capital social, capital natural, questão agrária, conflitos rurais, economia solidária e ambiente, políticas públicas e proposições de indicadores ambientais, similaridades e distinções entre países de Latino - América.

Podemos notar ao longo dos artigos uma sintonia de pensamento(s) sobre a questão socioambiental, qual seja, o pressuposto da crise do modelo contemporâneo de desenvolvimento e de civilização baseado em políticas macroeconômicas de corte neoliberal (de raiz capitalista) e políticas públicas e ambientais bem desenhadas, porém, sem efetividade. Nesta perspectiva, as análises e estudos de casos sinalizam a necessidade urgente de discussões cidadãs, controle social de políticas públicas e ambientais e principalmente, um redirecionamento urgente dos interesses de mercado e de Estados na direção do desenvolvimento sustentável e na ética do "Buen Vivir" que nos ensinam generosamente as sociedades indígenas e suas respectivas culturas tradicionais (que se ressignificam historicamente).

Nesta perspectiva, o belíssimo artigo que abre o Dossiê de autoria de Laura Collin Harguindeguy intitulado: "El Buen Vivir la emergência de un concepto", nos apresenta a emergência e a trajetória do conceito de *Buen Vivir* (sumaq Kawsay e sumaq Oamaña), inspirado e resgatado do *ethos* das culturas e tradições indígenas e incorporado juridicamente as constituições do Ecuador (2007) e da Bolivia (2009). O referido conceito formulado a partir de várias abordagens (Estado de Bem Estar Social, ecologista, culturalista) se vincula as teorias altermundistas e pós- coloniais que propõem modelos de desenvolvimento alternativos tanto ao socialismo como ao capitalismo. Trata-se de fundamental contribuição aos nossos alunos e investigadores que trabalhamos neste horizonte de uma identidade positiva, "el Buen Vivir" que mescla profundamente ambiente e sociedade, natureza e cultura. O excelente artigo que segue de autoria de Suzana Rita Presta intitulado: "Relaciones entre naturaleza-cultura-mercado en el neoliberalismo actual", realiza uma aproximação crítica a conceitos caros ao debate socioambiental e a agenda politica de muitos países, tais como: "capital natural", "economia social, economia solidaria", "economia verde" e de "desenvolvimento sustentável" a partir das relações entre natureza, cultura e mercado dentro de um marco politico e econômico neoliberal. Sua análise está baseada em documentos oficiais nacionais, neste caso, emitido por instituições argentinas e sancionados como leis (Instituto Nacional de Tecnologia Industrial – INTI, 2015) e internacionais (PNUMA, 2014; BID, 2012) e sinaliza para uma radicalização da lógica da coisificação incorporada aos referidos conceitos. Trata-se das relações entre os conceitos de "capital social" e "capital natural", omitindo sujeitos históricos que se relacionam assimetricamente e pensando a natureza como objeto: "Así la 'renta natural' es concebida como se "la renta proviniese, de manera casi providencial, de la tierra, los animales, los ríos, los mares y no de las relaciones sociales de producción y las formas de explotación". Neste sentido, argumenta a autora, baseada em Seoane (2015) que a construção do conceito de "capital natural" e dos serviços ambientais correlatos se constitui como uma forma de promover a expansão do mercado na gestão específica da questão ambiental. Portanto, se trata da mercantilização dos bens ambientais, do ambiente, da natureza e da vida em todas as suas formas. A mesma lógica se aplica à noção de economia solidária e as práticas correlatas como funcionais ao capitalismo, à medida que, o sujeito incorpora subjetivamente - em termos de

fracasso ou êxito individual, tendências que são estruturais ao mercado de trabalho. Neste sentido, desconstruir, des-ideologizar e historicizar conceitos representa o primeiro passo para vislumbrar modelos alternativos para as relações cultura, natureza e mercado.

"Notas y Perspectivas sobre la Ciudad Rural Sustentable – Santiago el Pinar. Una experiencia en Chiapas, Sureste de México", de autoria de Eduardo Gómez Gómez e Guilhermo Montoya Gómez, nos apresenta uma análise crítica de Santiago del Pinar, uma cidade rural sustentável desenhada como política pública governamental do Estado Mexicano (Cidades Rurais Sustentáveis) entre os anos de 2006 e 2012. A análise recai sobre as razões da não efetivação da referida política, uma vez que seu objetivo geral era combater os efeitos ambientais e a pobreza em sua forma extrema. A hipótese que permeia o artigo é a incorporação de uma ideologia de mercado no desenho da política pública ou seja, uma ideologia que se apropria de modos de vida tradicionais para se reproduzir em um território insurgente, o município de Larráinzar, território imaginário de domínio do Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN).

O artigo seguinte de autoria de Barbara Torres e Maria Eugenia Santana Echeagaray intitulado, "Estas son semillas para ganar la batalla de la vida: tempo y resistência en huertos urbanos de San Cristobal de Las Casas, Chiapas, Mx", constitui um estudo de caso das hortas urbanas na cidade de San Cristóbal de Las Casas, Sudeste de México. A análise destas experiências nos faz vislumbrar experiências positivas e alternativas de produção (agroecologia) e consumo, formas simétricas de relação com a natureza, percepções distintas de apropriação de espaço e tempo, tendo como fundamento teórico as epistemologias do Sul e a sociologia das ausências de Boaventura de Souza Santos.

O artigo seguinte de Claudia Morales e Carolina Rivera Farfán intitulado "De peones a ejidatarios: identidades, naturaleza y cultura en la zona cafetalera de Soconusco, Escuintla, Chiapas" trata da questão agrária do Sul de México – fronteira com Guatemala, na zona conhecida como Soconusco, Chiapas. O referido artigo nos apresenta uma análise do processo de distribuição da terra, dos conflitos sociais e do povoamento da região com a formação dos *ejidos* após a revolução mexicana (1910), a promulgação da lei agrária em 1915 e a introdução da economia cafeeira no território, a análise foi construída a partir da leitura de documentos compilados no Arquivo Geral da Nação, da abordagem etnográfica e das estórias de vida e relatos das famílias camponesas que povoaram esta região.

Seguindo com o tema da economia camponesa cafeeira e dos relatos e estórias de vida o artigo de Maria Montoya e Oliverio Hernández Romero intitulado: "Globalización, neoliberalismo, y cambios en los processos de producción de café. Historias de vida, Cafetales y Culturas" aborda as mudanças contemporâneas na economia cafeeira a partir de julho de 1989, ano em que se extingue o Instituto Mexicano de Café (INMECAFE), órgão executor da política pública que regulava e subsidiava o setor e seus efeitos na economia de pequenos produtores de café. Como estudo de caso elegeu a comunidade camponesa "La Sombra" situada no município de Chiconquiaco na região da Serra do Estado de Veracruz.

Encerrando a série de artigos produzidos por investigadores e professores de México, "Clave de la economia en Chintik-Chenalló-Chiapas: Tradicion y Cambios" de autoria de Eliaz Pérez Eliaz Pérez, nos apresenta uma belíssima visão da cosmologia Maya em suas interfaces com a economia na região dos Altos de Chiapas. A etnografia focaliza a experiência recente do município de Chenalló, notadamente, a "Paraje" (localidade) de Chimtik onde vivem famílias indígenas de ascendência Maya que falam Tzotzil. O referido texto nos descreve a cosmologia Maya onde homem, a economia (baseada no cultivo e consumo de maiz) e natureza estão entrelaçados, e, as mudanças na vida cotidiana das famílias camponesas com o advento do cultivo de café e de uma economia de mercado nos Altos. A questão central que o artigo nos traz remete as múltiplas relações e inter-relações entre tradição e modernidade, mudanças e continuidades em uma comunidade indígena camponesa.

Os demais artigos da presente edição têm em sua maioria algum vínculo com o grupo de pesquisa das organizadoras e ou o programa de pós-graduação em rede, com exceção do artigo internacional das Ilhas Canárias, os quais serão alvo de breve comentário a seguir. O primeiro deles dedicou-se a investigar a proposta de desenvolvimento alternativo pautado em formas de organização social como projeto emancipatório, com base em Boaventura Santos e Garavito-Rodriguez, tendo como realidade empírica um grupo de agricultores familiares em transição para agroecologia no semiárido da Paraíba, no artigo de Ricélia Maria Marinho Sales e Gesinaldo Ataíde Cândido. A aplicação da metodologia de indicadores denominada Sistema de Indicadores do Desenvolvimento Alternativo e Sustentável para a Agricultura Familiar (DASAF), cuja relevância decorre da ênfase nos princípios de igualdade, solidariedade e proteção à natureza, permitiu detectar uma tendência neste grupo de agricultores em direção à construção de um desenvolvimento alternativo e sustentável ainda que em processo inicial.

O artigo de Victoria Zuñiga de Melo e Angela Carneiro de Araújo intitulado: " Uma perspectiva holística da economia solidária, natureza e cultura" analisa as relações entre as várias correntes (Arruda e Mance) no campo da economia solidária e natureza e cultura, as correntes entrelaçam questões filosóficas (teologia da libertação), natureza e cultura e assim, nos apresenta uma visão holística da economia solidária.

Já o artigo de Erli Marín Aranguren e Laura Lozada Ordonez propõe uma análise comparativa dos impactos da construção de oleodutos e mineirodutos para grandes empresas mineradoras no Brasil e Colômbia afetando populações quilombolas e indígenas em ambos os países, provocando sérios conflitos socioambientais que se constituem o cerne da discussão. As autoras buscaram demarcar o cenário dos conflitos em ambos os países, ao identificar os atores sociais envolvidos entre os quais os entes privados, as organizações governamentais, com destaque para as organizações não-governamentais que assumem o papel estratégico de realizar a acountability social que permite o acesso a judicialização do conflito. Esse ator social em ambos os países é constituído pelas universidades locais e por uma organização rural católica no Brasil e indígena na Colômbia, cuja eficácia de suas ações tem contribuído para melhorar a capacidade de resiliência dos grupos afetados para a continuidade de suas vidas em todas as suas manifestações.

Já os impactos decorrentes da implantação de instalações portuárias e industriais pelo Estado de Pernambuco em um estuário na praia de Suape desde a década de 1970 ensejou uma análise histórica e crítica produzida por Roberto Moretti e Monica Cox. Além da destruição de grandes extensões de manguezais, gerou fortes impactos na atividade pesqueira em razão da perda de estoques pesqueiros afetando as comunidades locais de pescadores artesanais. A pesquisa dos autores recuperou os discursos contrários à instalação por parte de um grupo de economistas da região entre os quais Clóvis Cavalcanti, bem como conseguiu recolher valiosos depoimentos dos pescadores artesanais através de entrevistas. Para os autores, estes segmentos foram ignorados, de modo que prevaleceu o projeto desenvolvimentista pautado no crescimento em prejuízo do ambiente e dos pescadores artesanais.

O artigo seguinte de Karyn Henriques, Alfonso García Hernández e Rodrigo Riera investiga igualmente os conflitos sociais entre pescadores artesanais de duas praias de Tenerife-Ilhas Canárias em confronto com a legislação de conservação de uma reserva marinha criada na área. A pesquisa se filia ao campo da antropologia marítima ao priorizar o levantamento do conhecimento local sobre as técnicas de pesca numa perspectiva *emic*. Na análise sobre a reprodução geracional, apesar do crescente declínio da atividade de pesca, revela que os pescadores atuais conservam sua identidade e expressem uma elevada resiliência em resposta as crescentes pressões advindas da ausência de política de gestão pesqueira que resulte de consensos que incorpore os interesses dos pescadores artesanais.

A festa da ouriçada em Carry-le-Rouet na costa mediterrânea francesa, que teria sido criada por pescadores artesanais, foi estudada por Juana de Oliveira Santos, motivada por um estudo anterior sobre a festa da ouriçada em Suape-Pernambuco, realizada ainda por pescadores. A perda de protagonismo dos pescadores na festa francesa, após restrições legais à pesca desde a criação do parque marinho situado na área, levou a apropriação da festa pela prefeitura, que hoje integra o calendário turístico da cidade. Na França, o ouriço é a especiaria símbolo desta festa da comensalidade ao ar livre, em que comerciantes de pescados, barracas e restaurantes locais abastecem as longas mesas dispostas nas ruas da cidade. O clima e a natureza marcam esta festa de inverno em fevereiro, no ciclo reprodutivo do ouriço, estando condicionada às condições de vento, chuva e temperatura, assim como a pesca.

As atividades extrativistas de povos da floresta amazônica, especialmente da extração do látex, foram alvo do artigo de Rubens Elias da Silva, Rogério Ribeiro de Souza e Fernanda da Silva Bonfim, sendo avaliadas como práticas de manejo que reduzem o impacto sobre os recursos bióticos disponíveis, conforme os resultados da pesquisa analisados. Com base no conceito de racionalidade ambiental de Leff, os autores mapeiam as práticas de manejo das populações locais demonstrando a capacidade de aprimoramento delas em proveito da conservação dos recursos naturais para as futuras gerações. As coletoras de sementes acumulam um conhecimento que envolve a identificação das mais resistentes e seu grau de perecibilidade, e qual o melhor período do ano para efetuar a coleta, expressando um conhecimento profundo sobre a dinâmica ecossistêmica da floresta.

O artigo de Sonia Bittencourt, diferentemente dos demais, adota um formato de ensaio ao propor uma análise que privilegia a dimensão estética e filosófica da obra literária "Dos ditos passados de Cassianã" que retrata o universo de seringueiros que migraram do nordeste para a Amazônia no período áureo da borracha. Nordestinos que se depararam com uma realidade social hostil se submetendo a um regime de trabalho escravo, e tiveram que se adaptar a vida na floresta, bem distinta da realidade semiárida de onde vieram. A análise se detém nos relatos da memória e reminiscências dos personagens em seus vínculos com o lugar de onde vieram – o sertão da Paraíba, bem como na análise sobre a relação entre os seringueiros e os objetos considerando seu uso para atos de violência, entre eles troncos, paus, serrotes e corpos fortes e sadios depois debilitados pelas doenças. A autora conclui que a obra Cassianã é uma metáfora para exprimir a violência de uma empresa capitalista.

A sustentabilidade das comunidades de terreiros de Candomblé de Salvador-BA foi discutida e avaliada no artigo de Sueli Santos Conceição e Salvador Dal Pozzo Tevizan, através de um projeto inovador de etnodesenvolvimento local de incentivo para a conservação de espaços de mata e para produção de plantas utilizadas em suas práticas litúrgicas. A política

de patrimonialização dos terreiros de candomblé possibilitou ações para assegurar a continuidade deles, ameaçada pela crescente falta de áreas verdes naturais para a realização de seus rituais. O projeto revelou resultados como a instalação de hortos nos terreiros para produção de mudas e a produção de sabão a partir do reuso do azeite de dendê usado nos preparos das comidas de santo.

A formação em ciências ambientais foi alvo de uma análise crítica e fundamentada na experiência em rede do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente no artigo de Christiana Profice, Salvador Trevizan, Alexandre Schiavetti e Fabio Massena, todos vinculados ao programa integrante da rede da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC-BA. O foco da análise dos autores foi a criação da área de Ciências Ambientais junto a Capes em substituição a área interdisciplinar, que resultou na redução progressiva da dimensão socioambiental em favor da dimensão biocêntrica. Situação que tem provocado tensões e preocupações, e para solucionar este impasse os autores sugerem a adoção do conceito de consciliência de Wilson (1999), que sugere um sistema unificado de conhecimentos que reúna os saberes e disciplinas em um diálogo que ultrapasse suas fronteiras, de modo a revelar domínios ainda inexplorados da realidade.

Para fechar esta edição o artigo de Maristela Andrade e Jeandellyne Sampaio retoma o debate permanente entre cultura e natureza no âmbito da antropologia através de abordagens clássicas e contemporâneas, com o intuito de confrontar com uma realidade empírica envolvendo processos de mudança em uma população indígena. A superação da dicotomia entre cultura e natureza defendida por teóricos da antropologia é colocada em xeque, diante da realidade vivida de modernização e globalização por um grupo de indígenas que se dedicam a carcinicultura em seu território (litoral norte da Paraíba) resultando na inserção desta dicotomia. Assim, a perda da relação mítica entre presa e predador que indicava a continuidade entre cultura e natureza na cosmologia indígena, deve-se à interferência no ciclo reprodutivo de uma espécie cultivada não para o consumo, mas para o mercado. Contudo, o diálogo entre a técnica e o conhecimento local para tornar o cultivo sustentável poderá reverter esta tendência.

Por fim, agradecemos à valiosa e inestimável colaboração dos autores que contribuíram com seus artigos que compõem a presente Edição Especial da Revista Gaia Scientia. Agradecemos especialmente a Kiki Suarez que generosamente nos cedeu os direitos de imagem de seu "Cartel Ecologia" para a capa desta Edição. O Cartel está composto por um conjunto de desenhos cujo tema gira em torno das relações entre natureza e cultura e propostas alternativas para a construção de um mundo sustentável. Kiki Suarez nasceu em Hamburgo – Alemanha no ano de 1951. Chega a México no ano de 1977, onde se casa e inicia seus trabalhos em pintura e psicoterapia. Suas obras estão expostas em sua Galeria KIKI Mundo situada na cidade de San Cristóbal de Las Casas onde reside e no sitio http://lagaleriadelcorazonabierto.blogspot.mx/. Atualmente além das pinturas, atua como psicoterapeuta com foco nas questões de gênero, adolescência e velhice e é autora de vários livros dentre ele, "Las Doñas de Chiapas" em coautoria com Gayle Walker.

Maristela de Oliveira Andrade, Maria Elena Martinez Torres, Alicia Ferreira Goncalves

Joao Pessoa, Ciudad de México

Junho de 2016